

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various building footprints, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a circle, cuts across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the map.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

SÓS MAS NÃO ESQUECIDOS. POR UMA ARQUEOLOGIA DA SOLIDÃO

Joel Santos¹, Susana Pacheco²

RESUMO

A solidão é um problema atual com uma dimensão à escala mundial. A Arqueologia, infelizmente, tem-se abstraído do seu estudo, não contribuindo para um maior conhecimento da mesma e respetiva mitigação. Este artigo tem como objetivo demonstrar que é possível fazê-lo. Para isso, após uma primeira reflexão teórica, apresentamos sete situações onde é possível identificar e estudar a solidão. Ainda que conscientes das limitações dos agrupamentos, para simplificar, dividimos os casos em três grandes grupos: situações provocadas por estruturas da sociedade, situações “ignoradas” pela sociedade e estratégias individuais para mitigação da solidão. Pretendemos com este primeiro passo, estimular diferentes abordagens e visões para o futuro estudo da solidão através da arqueologia.

Palavras-Chave: Solidão; Emoções; Abandono; Perda.

ABSTRACT

Loneliness is a current problem with a worldwide dimension. Unfortunately, Archaeology has not contributed much to its study and mitigation. This article aims to demonstrate that it is possible to do so. After a first theoretical approach, we present seven situations where it is possible to identify and study loneliness. Although aware of the limitation of clustering, for simplification, we divided the cases into three large groups: situations caused by structures in society, situations “ignored” by society and individual strategies for mitigating loneliness. With this first step, we intend to stimulate different approaches and perspectives for the future archaeological study of loneliness.

Keywords: Loneliness; Emotions; Abandonment; Lost.

1. INTRODUÇÃO

Existe cada vez um maior consenso sobre a solidão ser um problema à escala mundial (Cacioppo et al. 2009, p. 977; Ozawa-de Silva e Parsons 2020, p. 613; Barclay et al. 2023, p.1; Chakravarti 2023, p.133). Embora alguns efeitos ainda estejam a ser apurados, sabemos que é grave. O Reino Unido, reconhecendo a dimensão do problema, criou em 2018 um ministério da solidão, o Japão seguiu o seu exemplo em 2021, e em Portugal já se começa a falar da criação duma Secretaria de Estado (CNN 2022; JPN 2022; DN 2023). O maior desafio deste trabalho é perceber até que ponto a arqueologia, através do estudo da solidão no passado, das suas diferentes formas e experiências, pode ser direcionada para resolução dos atuais pro-

blemas. Infelizmente, a utilização da arqueologia no estudo das emoções continua a ser muito reduzida e, embora existente internacionalmente, em Portugal é praticamente nula. Se olharmos especificamente para a solidão, embora psicólogos e sociólogos já abordem esta temática há algum tempo e os historiadores tenham começado recentemente a questionar-se e a estudar como é que a solidão terá sido sentida e expressa no passado (Snell 2015, p. 61; Barclay et al. 2023, p. 1), os estudos da mesma através de uma visão antropológica e arqueológica são praticamente inexistentes (Snell 2015, p. 64). Este trabalho pretende ser um pequeno passo no colmatar dessa ausência. Contudo, independentemente dessa ausência, é inegável a importância do estudo da mesma através da arqueologia, não só para conhecer como se compor-

1. University of Leicester / joelrosantos@gmail.com

2. CFE-HTC Universidade Nova de Lisboa; Bolseira Fundação para a Ciência e Tecnologia (2022.14550.BD.) / susanalfsdpacheco@hotmail.com

tariam os nossos antepassados relativamente a esta questão, mas porque o conhecimento de determinadas dinâmicas que impediriam a solidão no passado, podem contribuir diretamente para as definições estratégicas do presente no seu combate. “The past is an extensive array of options as well as an explanatory transmission to the present. Much psychological and medical literature concerns strategies for loneliness, which could benefit from historical perspectives [nós acrescentaríamos arqueológicas], for example from periods in which ideas of “community” were administratively more structured than is now usually the case” (Snell 2015, p. 64).

Então porque é que a solidão não é trabalhada pelos arqueólogos? Será porque é um conceito demasiado abstrato? Será demasiado contemporâneo? Ou será a solidão impossível de identificar no registo arqueológico? A nossa perspetiva é que é possível trabalhar a solidão arqueologicamente, algo que pretendemos demonstrar. Contudo, temos a consciência que é um conceito complexo e que necessita ser trabalhado preliminarmente do ponto de vista teórico, antes de se poder aplicar metodologicamente. É precisamente neste espaço que se posiciona o nosso trabalho, entre a teoria e a prática, entre a ciência e as humanidades. A primeira parte do artigo, teórica, pretende enquadrar determinadas questões sobre solidão. O que é a solidão? Como é que esta se manifesta? Será essa manifestação universal ou tem de ser enquadrada do ponto de vista cultural? Que alterações terá sofrido ao longo do tempo e de que modo é que podemos evitar ser anacrónicos no seu estudo (Tarlow 2000, p. 719; Massegli 2012, p. 137-8; Fleisher and Norman 2016, p. 4)? Esta reflexão teórica, permitirá, através de alguns casos de estudo, evidenciar de que maneira é que a solidão pode ser identificada e questionada nos contextos arqueológicos, contribuindo sucessivamente com informações importantes para mais um passo na resolução do problema na atualidade.

2. A SOLIDÃO

O que é a solidão? A definição não é simples, principalmente se tentarmos defini-la do ponto de vista histórico. A solidão, tal como outros estados emocionais, pode ter diferentes significados, dependendo do momento e das sociedades e culturas em que foi utilizada (Rokach et al., 2001; Alberti 2019, p. Vii; Snell 2019, p. 61; Ozawa-de Silva e Parsons 2020, p. 617). Contudo, independentemente desta

diversidade cultural e dos nomes que lhe são dados, é aceite pela comunidade académica que a solidão não é um estado especificamente ocidental, sendo estudada, com as devidas diferenças, um pouco por todo o mundo, desde a Índia (Chakravarti 2023), ao México e ao Quénia (Pike e Crocker 2020), à ex-União Soviética (Parsons 2020), à Palestina (Nazzal et al. 2020), ao Japão (Ozawa-de Silva 2020) e aos tuaregues do Saara (Rasmussen 2020).

Uma primeira diferença tem a ver com a amplitude linguística do termo. Contrariamente à língua inglesa, onde “solitude” e “loneliness” dão significados opostos ao facto de alguém estar/sentir-se sozinho, respetivamente a glória (solitude) e a dor de estar sozinho (loneliness) (Barclay et al. 2023, p. 2), em português e noutras línguas (ex. finlandês – a palavra é *yksinäisyys* (Sjö 2023, p. 118)), solidão pode ter os dois significados. A glória de querer estar sozinho, observada nos poetas ou nos eremitas, e que contrasta com o significado que atualmente é atribuído à mesma, que tem claramente uma conotação negativa. O trabalho que aqui apresentamos, pelas razões elencadas na introdução, pretende estudar o impacto negativo da solidão (loneliness) e as respetivas evidências arqueológicas.

Como é que poderíamos então definir a “parte negativa” da solidão? Lars Andersson (1998, p. 265), propõe uma definição de Karen Rook, entretanto aceite por outros autores (Snell 2015, p. 62; Alberti 2019, p. 5), “an enduring condition of emotional distress that arises when a person feels estranged from, misunderstood, or rejected by others and/or lacks appropriate social partners for desired activities, particularly activities that provide a sense of social integration and opportunities for emotional intimacy”. Contudo, o próprio Andersson reconhece que há exceções e este é apenas um compromisso para tentar balizar um conceito desbloqueado pelos inúmeros significados, possibilidades e trajetórias históricas (Barclay et al. 2023, p. 3).

Na realidade, solidão como podemos perceber através da definição, não tem a ver com estar sozinho. Tem mais a ver com um sentimento consciente e cognitivo de separação social de outras pessoas significativas. Uma carência emocional que diz respeito ao lugar do indivíduo, na sociedade e no mundo (Alberti 2019, p. 5). É verdade que alguns estudos sobre a solidão, estudam pessoas isoladas física e socialmente, contudo, nem todos os indivíduos socialmente isolados sentem solidão (eremitas,

poetas, etc.) e nem todos aqueles que sentem realmente a solidão estão socialmente isolados, como por exemplo insatisfação com as circunstâncias de vida, sintomas de saúde física, trabalho crónico e/ou stress social, rede social demasiado pequena e conflitos conjugais ou familiares (Cacioppo et al. 2009, p. 978). A solidão deve ser compreendida como uma realidade afetiva e subjetiva, enquanto o isolamento social é uma realidade física e social. Mesmo que o isolamento físico seja mais provável de provocar a solidão, confundir os dois pode ser problemático (Ozawa-de Silva e Parsons 2020, p. 615).

Mas então, como é que é possível estudar a solidão no passado sem cair em abordagens anacrónicas? Poucos, como escreve Sarah Tarlow, afirmariam que as emoções não têm dimensão corporal ou, inversamente, que as emoções são fenómenos completamente biológicos e sem um significado cultural (Tarlow 2000, p. 717). Porém, embora a solidão seja reconhecida como um fenómeno cultural com as respetivas diferenças, e embora alguns autores discordem da sua universalidade (Alberti 2019, p. 9), há estudos científicos que demonstram que a solidão tem algumas características que permitem que esta possa ser estudada, não só em diferentes culturas e sociedades, mas também ao longo de diferentes cronologias. Falamos da necessidade humana básica de afiliação, de estar com os outros e de reconhecimento mútuo, existindo fortes evidências derivadas de estudos de psicologia do desenvolvimento, comparativa e evolutiva, que percecionam estas estruturas subjacentes à solidão como universais (Cacioppo e Patrick, 2008; Rochat, 2009; De Waal, 2010; Ozawa-de Silva e Parsons 2020; Ozawa-de Silva 2021). Isto permite-nos, enquanto arqueólogos, investigar as evidências que possam ser derivadas da tentativa do ser humano de não estar em solidão ou, pelo contrário, procurar estruturas que pelo seu funcionamento, voluntariamente ou não, fossem provocadoras da solidão.

Para facilitar a investigação, é de fundamental importância que consigamos perceber alguns pontos. Um primeiro ponto relaciona-se com a compreensão do funcionamento da emoção no ser humano. Uma emoção (1) é uma resposta corporal a um estímulo (2) que pode ser externo, interno ou uma combinação dos dois e que gera uma determinada reação (3) por parte de quem a sente (Barrett 2017; Sapolski 2018). Esta reação, gerada pela emoção, pode ser fisiológica, cognitiva e/ou comportamental. Imaginemos a seguinte situação. Uma determinada comunidade

está a ser atacada por um grupo hostil (2 – estímulo), que vai provocar determinadas emoções na comunidade (1 – emoção), como por exemplo medo ou raiva, o que sucessivamente vai gerar uma ou mais reações (3 – reação) por parte da comunidade. Essas reações (3) podem ser imediatas (adaptativa rápida) ou de longo prazo (adaptativa prolongada). A comunidade render-se ou contra-atacar, seria uma reação imediata, enquanto se a comunidade decidisse, após o ataque, ir morar para outra localização ou construir muralhas à volta da cidade, seria uma reação de longo prazo. Contudo, é importante referir, na realidade não sabemos que emoções estiveram por detrás da reação, correndo o risco de ser anacrónicos, caso associemos o que aconteceu com a emoção que nos parece mais lógica, como por exemplo associar as muralhas ao medo (Boddice 2017, p. 12). Enquanto arqueólogos, tirando casos excecionais, como podem ser o caso de fotografias (Pacheco et al. 2023, este volume) ou fontes históricas com relatos específicos dos acontecimentos, as materialidades menos complicadas de interpretar estarão associadas a reações, a que chamámos de longo prazo.

A solidão, tal como as referidas emoções de medo ou raiva, é impactada pela mesma situação. Inclusive, os sociólogos e psicólogos diferenciam entre aquilo a que chamam solidão situacional, ou seja, sentimentos que surgem durante um curto espaço de tempo e a solidão dita patológica, que se tornou uma doença de longo prazo e que acaba por impactar na saúde e no bem-estar de quem a ela está sujeito (Barclay et al. 2023, p. 3). O nosso trabalho pretende investigar as materialidades que nos permitam identificar a solidão patológica no passado, criando eventuais paralelos com as situações que atualmente preocupam a sociedade.

Um outro ponto relaciona-se com a diferença entre aquilo que são as emoções sentidas a nível individual e as emoções sentidas por grupos sociais (Harris e Sørensen 2010, p. 150). Sarah Tarlow (2000; 2012), uma das primeiras arqueólogas a estudar as emoções, afirma que as emoções sociais são de mais fácil acesso ao arqueólogo, visto que “the subjective experience of emotion varies from person to person or even within a person. Responses are not predictable or even consistent. Emotional responses are often difficult to articulate verbally even for those experiencing them. Yet at a social level, members of social groups can agree broadly on how different emotions are valued and what they might mean.

Societies are characterized by emotional values.” (2000, p. 728). Embora tenhamos discordado de Tarlow em situações muito específicas (Pacheco et al. 2023, este volume, p. 8), na generalidade concordamos com a sua afirmação. Neste trabalho, mesmo com exemplos específicos da solidão sentida por um indivíduo, essas situações estarão associadas e enquadradas com o sentimento da emoção a nível social e dos possíveis estímulos que a provocam.

Resumindo, enquanto arqueólogos iremos à procura das reações humanas de longo prazo, que provocavam um sentimento de solidão patológico e que eram sentidas a nível social.

3. COMO ESTUDAR A SOLIDÃO

Se a solidão, enquanto problema global nos escapa no presente e por vezes nem sequer a conseguimos ver nas nossas relações, como vê-la então em relações onde já não temos voz ativa? A metodologia que seguiremos baseia-se em estudos sobre a solidão, no nosso caso “loneliness”, que identificam determinadas situações que contribuem para aumentar ou manter o sentimento da mesma. Partindo de alguns pressupostos, identificaremos quais as estruturas sociais que, com maior probabilidade, contribuiriam para o sentimento negativo de solidão e que outras estruturas sociais (ou individuais) seriam construídas para a combater.

O primeiro pressuposto, já referido, é que a solidão está assente em estruturas humanas “universais” de necessidade de afiliação, de estar com os outros e de reconhecimento mútuo. É óbvio que existirão indivíduos que não sentirão essa necessidade, mas como demonstrado, a maioria das pessoas procura o contacto social, seja este familiar ou comunitário (Cacioppo e Patrick, 2008; RoCHAT, 2009; De Waal, 2010; Ozawa-de Silva e Parsons 2020; Ozawa-de Silva 2021).

O segundo pressuposto tem a ver com o estar sozinho. Embora, como mencionado anteriormente, essa situação nem sempre esteja associada à solidão e vice-versa, a maior parte dos estudos onde são aplicadas regressões estatísticas, associa o viver sozinho a uma maior probabilidade de solidão, principalmente em casos de viuvez ou outros lutos (Snell 2015, p. 63). Este pressuposto, ajuda a perceber o crescimento da preocupação com este fenómeno, visto que o crescimento de pessoas a viver sozinhas em Portugal tem sido enorme. Em 1991 eram 397 372 (INE 2003, p. 57) e em

2021, 30 anos depois, já superava o milhão de pessoas, 1 027 87 (CENSOS 2022, p. 8), sendo mais de 50% composto por pessoas com 65 ou mais anos de idade. Outros pressupostos, que serão utilizados no nosso estudo, foram demonstrados num estudo liderado por John Cacioppo com um nome bastante sugestivo, “Alone in the Crowd: The Structure and Spread of Loneliness in a Large Social Network” (Cacioppo et al. 2009). Entre outros, elencamos os seguintes: espaços isolados contribuem mais fortemente para a solidão; a solidão é mais provável de acontecer em ambientes não familiares; a solidão afeta menos quem tem um maior número de contactos sociais; a solidão afeta mais as pessoas doentes e/ou pessoas com deficiência; e finalmente que a solidão provoca solidão, ou por outras palavras, a solidão é causa de si mesmo (Huenemann 2023, p. 93; Worsley 2023, p. 28). Quanto mais solitários somos, mais “os outros” se afastam de nós, contribuindo para o aumento da solidão. Quanto mais solitários, mais provocamos nos outros esse sentimento e, caso estes não consigam “fugir”, acabam contagiados com um sentimento similar (Cacioppo et al. 2009).

Se transpusermos estes pressupostos para as estruturas que facilitam a existência da solidão, é possível identificá-las, descrevê-las e sucessivamente, questionar a materialidade arqueológica das mesmas e a eventual associação à solidão. A título de exemplo temos os asilos, os hospitais, as prisões, os orfanatos, as pessoas com deficiência, as pessoas que vivem sozinhas (principalmente idosos), as pessoas que vivem longe das famílias/ambientes familiares (emigrantes, refugiados) ou não (grupos minoritários), profissões isoladas (pastores, faroleiros) e outros, muitos outros que o espaço à disposição não nos vai permitir explorar (Cacioppo et al. 2009, Snell 2015; Alberti 2019, Ozawa-de Silva e Parsons 2020, Barclay et al. 2023). A materialidade da solidão pode então ser identificada. Seja através das paisagens e dos objetos associados aos locais onde a solidão teria maior probabilidade de acontecer, seja através da materialidade que as pessoas utilizavam para se defender da solidão, como por exemplo objetos associados à família e aos entes queridos (fotografias, presentes, etc.), os mementos, que se tornam lembranças de uma identidade social perdida ou dolorosamente lamentada (Alberti 2019, p. 85) ou os animais de estimação, que pretendem substituir a ausência de quem não está (Kretzler et al. 2022). É esta materialidade da solidão que pretendemos trabalhar.

4. A SOLIDÃO NOS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

Os sete contextos que aqui apresentamos foram estruturados segundo três eixos distintamente associados com a solidão. Os primeiros dois casos são sobre instituições estatais que provocam estados de solidão naqueles que pretendem ajudar. Falamos dos orfanatos e dos hospitais. Os dois casos seguintes, não são provocados por instituições, mas sim pela falta delas ou pela incapacidade destas intervirem em situações de solidão. Falamos dos sem-abrigos e dos idosos que vivem e morrem sozinhos. Finalmente, temos três exemplos de materialidade derivada da forma como diferentes pessoas tentam combater diferentes formas de solidão. Um casal de apaixonados separados pela distância, uma mulher desprezada pela sociedade e dois pais que acabaram de perder o seu filho.

Um dos exemplos de instituições que, pela sua dinâmica provocam solidão, como referido, são os orfanatos. Nas palavras de Ender Durualp e Pinar Cicekoglu, “the feelings of loneliness and lack of social support that adolescents living in orphanages experience due to being separated from their families may lead them to have negative expectations for the future, and thus place them in a risk group” (2013, p. 231). Se juntarmos a esta distância forçada do agregado familiar, que pode ter as mais variadas e complexas razões, o afastamento do seu ambiente social, estas crianças estariam certamente sujeitas a problemas emocionais e comportamentais, que poderiam prejudicar as suas relações sociais, arruinar a sua auto-confiança, aumentar a solidão, a falta de esperança e outros problemas psicológicos (Durualp e Cicekoglu 2013, p. 234).

Foram estes argumentos que nos levaram a identificar de imediato a nossa primeira materialidade (Fig. 1). Tirada num orfanato feminino em Alcântara, no ano de 1926, o ano em que Portugal assistiu a um golpe militar que instaurou no país uma ditadura que se viria a prolongar durante décadas, esta fotografia do arquivo do jornal *O Século* (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), mostra-nos, ainda que disfarçadamente, a solidão. Um grupo de meninas, vestidas todas de igual, não consegue deixar de transparecer as suas emoções, por muito que lhes deva ter sido pedido para sorrirem ao som do disparo da câmara fotográfica. Observamos sorrisos, caras sérias, chateadas, talvez de revolta ou de receio, todo o tipo de emoções à flor da pele destas crianças que, apesar

das tentativas de encenar uma família alargada, não seria suficiente para eliminar a solidão por elas sentida. Permitam-nos destacar uma dessas crianças.

Logo na primeira fila, mais alta que as companheiras ao seu lado, destaca-se uma menina afro-descendente. Se solidão era uma palavra que fazia parte do quotidiano destas crianças, muito mais o seria para uma menina de um grupo minoritário, num país colonial que continuava a subalternizar as pessoas que durante séculos explorou e escravizou com vista ao lucro. Apesar do tímido sorriso espelhado na sua cara, a sua linguagem corporal mostra-nos desconforto, ao contrário das restantes meninas da primeira fila, em posições muito mais descontraídas e até brincando entre si. Estes aspetos, juntamente com a natural solidão que sentiria uma orfã, permitem-nos identificar e imaginar as dificuldades emocionais que ela viveria diariamente.

Assistimos assim a um impacto emocional negativo por parte duma instituição que, pelo contrário, tinha intenção de ajudar as crianças que ao orfanato chamariam casa. Não são, contudo, como antecipámos as únicas instituições onde essa dicotomia existiria. Existem problemas que afetam as camadas mais envelhecidas da sociedade, e que estão inegavelmente associados à solidão. Não podíamos deixar de abordar as questões das doenças que podem ser altamente incapacitantes, levando inclusive à necessidade de ficar acamado. Podemos questionar-nos como é que isso se manifesta materialmente e consequentemente nos contextos arqueológicos. É certo que existem inúmeras fotografias que o mostram, mas há também evidências mais tradicionais. Ligadas a estas situações, temos os equipamentos hospitalares, que, em muitos casos, podem também aparecer em contextos domésticos. Um exemplo são as arrastadeiras (Fig. 2). Estes objetos, aparentemente simples, têm um significado muito particular, associados a uma debilidade que impede a locomoção para satisfazer necessidades tão básicas como são as fisiológicas. Num contexto como este, em que uma pessoa é obrigada a viver nestas condições, a estar constantemente dependente de alguém, seja por um período maior ou menor, é impossível não sentir, por muitas visitas que se possa ter, por muito contacto com outras pessoas que possa ocorrer, um sentimento de solidão, motivado pela perda de capacidades, de desespero e de dependência de terceiros. A impossibilidade de se deslocar para onde desejar, de realizar as atividades que estava habituado/a, seja porque motivo for,

despertam automaticamente as emoções negativas nas pessoas, sendo talvez a principal, ou pelo menos uma das principais, a solidão.

Temos assim o exemplo de duas situações onde as instituições que foram criadas com a intenção de ajudar, acabavam por impactar negativamente na solidão das pessoas. Um outro eixo que impacta a solidão, como já referido, está ligado à ausência (da eficácia) de instituições que deveriam proteger determinadas franjas da sociedade, mas que infelizmente não conseguem evitar que estas pessoas sofram elevados níveis de solidão.

No primeiro dos dois exemplos voltamos à década de 1920, através de outra fotografia do arquivo do jornal *O Século* (Arquivo Nacional da Torre do Tombo – 1921) (Fig. 3). Ao contrário da anterior, em que houve uma preocupação de transmitir a ideia de que estava tudo bem, aqui não precisamos de ler nas entrelinhas para perceber a solidão. Este homem, sem-abrigo, apesar de diariamente se cruzar com dezenas ou mesmo centenas de pessoas, vivia à margem, ignorado, olhado com desprezo e uma certa curiosidade. Esta fotografia facilita o imaginar do estado de solidão e desespero em que viveria. Descalço, caído num passeio da cidade de Lisboa, de cara escondida, por vergonha ou falta de força. Ao pé de si, duas mulheres de saias compridas e xales e um homem de fato e chapéu, enquanto segura um guarda-chuva, transportam-nos para uma estação fria, talvez o Outono, para o qual o “nosso” sujeito histórico claramente não estava preparado.

Conforme Rachael Kiddey já demonstrou, a arqueologia pode desempenhar um papel fundamental nestas questões sociais. As emoções, frequentemente ignoradas ou desvalorizadas são um aspeto a que os arqueólogos não deveriam ficar indiferentes, e que podem ajudar a compreender uma série de comportamentos cuja opção mais fácil seria fingir que não nos dizem respeito. Segundo a autora: “The reasons why people who have experienced homelessness leave accommodation once they are housed are complex and might include loneliness, the inability to cope with tenant responsibilities, institutionalization, or a sense that ‘the street’ was the more manageable or less lonely option.” (2017, p. 162). Isto é bem revelador da importância das emoções neste grupo mais desfavorecido e fragilizado da sociedade, que muitas vezes acaba por “ceder” a outros vícios, entrando numa espiral da qual se torna muito complicado sair. Enquanto cientistas duma ciência

que se diz pública e social, consideramos ser nossa responsabilidade não ignorar estas manifestações e materialidades (Corrêa, submetido), contribuindo para a procura de soluções para estes problemas sociais tão complexos. Neste sentido, o estudo das suas emoções, nomeadamente a solidão em que estes vivem ou viviam, deveria estar sempre presente. Uma segunda situação não podia ser mais atual. Na população mais idosa, frequentemente sozinha, abandonada pelas famílias que prosseguem as suas vidas noutros locais, que perdem os companheiros de uma vida, ou ainda cujos filhos, por uma série de razões, deixam de os visitar com a frequência que eles desejariam, é usual assistir a determinado tipo de comportamentos. Falamos da acumulação de objetos. Arqueologicamente este tipo de situações são, talvez, as mais fáceis de identificar, embora regularmente ignoradas. No entanto, é possível destacar o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido por João Sequeira e Tânia Casimiro, juntamente com um dos autores (Casimiro et al., submetido) relativamente ao abandono de idosos. Foi precisamente numa dessas casas, por eles estudada, que apareceu a próxima manifestação de solidão (Fig. 4).

A solidão pode resultar numa maior dependência de objetos que, por sua vez, conduzem a um aumento dos sintomas de acumulação. Todavia, como esta dependência dos objetos não satisfaz as necessidades de relacionamento, tratando-se de uma situação complexa que tende a afastar cada vez mais as pessoas, a manifestação e aumento destes sintomas acabam por os isolar ainda mais do resto do mundo e nesse sentido contribuir para a perpetuação da solidão (Yap et al. 2023). É precisamente a este cenário que assistimos na casa abandonada que aqui apresentamos. Quando os familiares ou as pessoas próximas de quem ali vivia deixam de aparecer, há que colmatar a sua ausência. Neste caso, o proprietário/a da casa em questão começou a acumular todo o tipo de objetos com que se deparava no seu dia a dia, que para outras pessoas podem ser lixo, mas que para a pessoa que ali viveu eram muito mais do que isso, eram a sua companhia, a sua forma de afastar ou atenuar a solidão, quando esta se tornava insuportável. Este é um problema que cada vez mais afeta a sociedade em que vivemos e, sendo (ou querendo ser) a arqueologia pública, tem de (ou deveria) ir ao encontro daqueles que são os problemas atuais da população e para os quais as atuais instituições não conseguem dar resposta.

Estes dois últimos casos mostram-nos claramente

duas situações, que embora distintas, acabam por ter a mesma dinâmica, em que a solidão provoca solidão, ou seja, os mecanismos que estas pessoas identificam para combater a solidão, substâncias aditivas e/ou acumulação de objetos, acaba por fazer com que as outras pessoas se afastem ainda mais, exacerbando o estado de solidão.

Finalmente, temos o último eixo de casos ligados à solidão. As estratégias individuais de combate à mesma, sem contudo cair em situações extremas como as anteriores.

Recuando mais uma vez até 1920, deparamo-nos com outra materialidade bastante comum e demonstrativa da solidão, três cartas de dois apaixonados encontradas numa casa lisboeta abandonada (Fig. 5). Apesar de não termos certeza sobre o futuro desta relação, o contexto em que elas foram encontradas leva-nos a pensar que estejamos perante uma história com um final feliz, ainda que com um início algo conturbado. À primeira vista, cartas de amor podem não parecer a evidência mais óbvia de solidão, no entanto a sua leitura mostrou-nos o quão enganados estávamos, e as referências a esta emoção, quer seja de forma direta ou não, estão bem presentes ao longo das várias folhas manuscritas a que tivemos acesso. Num tempo em que os transportes e a falta de uma rede viária agravavam as distâncias, em que o perto era longe, a juntar à mentalidade conservadora, principalmente no que às raparigas dizia respeito, conseguimos compreender a solidão que este jovem rapaz sentiria e para a qual as cartas seriam o único escape. Por respeito à privacidade destas pessoas, não partilharemos os seus nomes, nem iremos transcrever nenhuma passagem.

Considerámos, contudo, pertinente a inclusão deste exemplo, pois o modo como a distância era vivida e impactava na solidão, assim como a relação entre estas duas emoções tão fortes (a solidão e o amor), continuam a ser pouco exploradas, sem que lhes seja dada a respetiva importância (Carson 2023, p. 435). Frequentemente ignoradas pelos arqueólogos, este tipo de materialidades pode, na realidade, transmitir-nos uma série de conhecimentos sobre os nossos sujeitos históricos, e que de outras formas nunca conseguiríamos obter.

Um outro mecanismo utilizado para atenuar a solidão era a aquisição de animais de estimação ou companhia, e que frequentemente são identificados em contextos arqueológicos. Um perfeito exemplo são as ossadas de um cão (Fig. 6) que apareceram

numa escavação arqueológica em âmbito empresarial, levada a cabo pela empresa *Cota 80 86* no nº12 da Rua do Vale em Lisboa nos anos de 2018 e 2019. Este canídeo de pequena estatura, aparentemente enterrado de forma cuidadosa no saguão da casa, parece indicar que se trataria de um animal muito estimado pelas pessoas que ali terão residido (Leão 2021, p. 113). De acordo com o autor, muito provavelmente este contexto estaria associado a uma atividade marginalizada na sociedade lisboeta daquela época, a prostituição (Leão 2021). Substituiria este pequeno animal a falta de afetos e de companhia que sentem as pessoas que estão num estado de solidão? Estudos recentes revelam que os animais de estimação têm precisamente esse efeito e que mais ou menos conscientemente, as pessoas que procuram a sua companhia têm intenção de reduzir os efeitos negativos provocados por essa emoção (Kretzler et al. 2022)

Como mostrámos até aqui, a solidão pode estar presente nas mais diversas classes sociais e em diferentes contextos, podendo identificar-se arqueologicamente das mais distintas maneiras. Foi neste sentido que deixámos para o fim a mais difícil e irreversível das solidões. Numa visita ao cemitério da Ajuda, conseguimos identificar uma dessas manifestações (Fig. 7), a perda de entes queridos. Este é sempre um momento complicado na vida das pessoas e o seu desaparecimento deixa um vazio, que a solidão ocupa. Se isto é aplicável em qualquer faixa etária, quando se trata de crianças, ganha outra dimensão. Vários autores já escreveram sobre este assunto, defendendo que não existe nada mais devastador do que a morte de um filho, que é um desgosto como nenhum outro, que o luto dos pais é diferente de outras perdas, intensificado, exagerado e prolongado (NSIDRC 2005, p. 7).

É precisamente perante um caso desses que nos encontrámos quando observámos aquele jazigo familiar. O luto, que se pode manifestar de muitas formas diferentes, e a necessidade de preencher o vazio deixado pelo desaparecimento daquela criança terão motivado os familiares a deixarem ali peluches, talvez acreditando que o do *Gualter* iria fazer companhia àquela criança, não a deixando ficar só, mesmo no *post-mortem*. Desta forma, a própria solidão dos vivos seria também ela atenuada, ao proporcionar uma companhia àquela criança, naquele que seria o seu “local de descanso eterno”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários são os exemplos, as manifestações, as materialidades da solidão que podem ser encontradas em Portugal. Tentámos abranger várias classes e setores da sociedade, correspondentes a diferentes momentos da história contemporânea portuguesa. Conforme mencionámos, apesar de se questionar se estamos ou não perante uma emoção universal, várias das suas características, nomeadamente a vontade humana de estar em companhia, permitem que esta seja estudada em diferentes cronologias, situações e culturas. Foi precisamente isso que tentámos mostrar aqui, que é possível estudá-la também arqueologicamente, em realidades como a portuguesa, ainda que frequentemente, à semelhança das pessoas que dela sofrem, continue a ser marginalizada.

Escolhemos estes sete casos, mas podiam ter sido outros e podiam ter sido mais. Infelizmente a solidão, “contagiosa” como é, na falta de estratégias bem definidas tende a alastrar, em vez de desaparecer. Pensamos que a arqueologia pode ter uma voz ativa no apontar de situações que permitam ajudar a pensar em caminhos que mitiguem esta problemática. Neste sentido, organizámos os nossos casos em diferentes eixos, porque seguramente a abordagem aos mesmos seguirá diferentes estratégias. A estratégia para a solidão provocada indiretamente pelas instituições que deveriam ajudar a quem a elas recorre, não pode ser a mesma que os casos onde a solidão é perpetuada pela ausência de instituições. Como na história referida por Fred Cooper (2023, p. 162), quando não se admira da solidão e do estado em que encontra os idosos, causado pela morte ou outras separações inevitáveis. Esta solidão até seria suportável, mas ser rejeitado pela família é a pílula amarga, a verdadeira solidão. Nenhum visitante voluntário pode ocupar o lugar da filha negligente que mora por perto mas nunca liga, ou do filho que se deita na cama sem dizer “Boa noite”.

Diferentes solidões, requerem diferentes estratégias. Contudo, não há estratégias simples, nem fórmulas mágicas. A arqueologia, através destes contextos que mostram o peso da solidão no passado, pode claramente ser aproveitada para reduzir esse peso no futuro. Por questões de espaço, de gosto, mas também de facilidade, optámos por falar de materialidades ligadas à história contemporânea portuguesa. Pensamos, contudo, que a abordagem aqui realizada pode ser aplicada a outras geografias

e cronologias, aumentando assim o nosso conhecimento sobre a solidão, sobre o seu impacto e, se conseguirmos, sobre formas de a mitigar.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Fay Bound (2019) – *A Biography of Loneliness – The History of an Emotion*. Oxford university Press.

ANDERSSON, Lars (1998) – Loneliness research and interventions: A review of the literature, *Aging & Mental Health*, 2, pp. 264-274.

BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah (2023) – A History of Loneliness. An Introduction. In BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 1-14.

BARRETT, Lisa (2017) – *How emotions are made: the secret life of the brain*. Mariner Books.

BODDICE, Rob (2017) – The History of Emotions: Past, Present, Future. *Revista de Estudios Sociales*, 62, pp. 10-15.

CACIOPPO, John e PATRICK, William (2008) – *Loneliness: Human nature and the need for social connection*. New York: WW Norton & Company.

CACIOPPO, John; FOWLER, James; CHRISTAKIS, Nicholas (2009) – Alone in the Crowd: The Structure and Spread of Loneliness in a Large Social Network. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97 (6), pp. 977-991.

CARSON, Emma (2023) – Loneliness, the Love Letter and the Performance of Romance During Wartime Separation, 1939-1945. In BARCLAY, Katie; CHALUS, Elaine; SIMONTON, Deborah (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 434-451.

CASIMIRO, Tânia; SEQUEIRA, João; SANTOS, Joel (submetido) – Archaeology of Elderly Abandonment, *Journal Contemporary Archaeology*.

CENSOS 2021 (2022) – *O que nos dizem os censos sobre as estruturas familiares*. Instituto Nacional de Estatística.

CHAKRAVARTI, Ananya (2023). Time, Space and Loneliness in Bengali and Marathi Poetry. In BARCLAY, Katie; CHALUS, Elaine; SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 131-148.

COOPER, Fred (2023) – Loneliness as Crisis in Britain after 1950 – Temporality, Modernity and the Historical Gaze. In BARCLAY, Katie; CHALUS, Elaine; SIMONTON, Deborah (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 162-174.

CORRÊA, Raphael (submetido) – Arqueologia Contemporânea na visibilidade e compreensão das ontologias da Avenida de Ceuta (Lisboa), *Arqueologia e Património*.

DE WAAL, Frans (2010) – *The age of empathy: Nature's lessons for a kinder society*. New York: Broadway Books.

DURUALP, Ender; CICEKOGLU, Pinar (2013) – A study on the loneliness levels of adolescents who live in an orphanage and those who live with their families. *International Journal of Academic Research*, 5(4), pp. 231-236.

- FLEISHER, Jeffrey; NORMAN, Neil (2016) – Chapter 1 – Archaeologies of Anxiety: The Materiality of Anxiousness, Worry, and Fear. In FLEISHER, Jeffrey; NORMAN, Neil eds. – *Archaeologies of Anxiety: The Materiality of Anxiousness, Worry, and Fear*, Nova Iorque, Springer, pp. 1-20.
- HARRIS, Oliver; SØRENSEN, Tim (2010) – Rethinking emotion and material culture. *Archaeological Dialogues*, 17(2), pp. 145-163.
- HUENEMANN, Charlie (2023) – David Hume and the Disease of the Learned – Melancholy, Loneliness and Philosophy. In BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 88-101.
- INE (2003) – *Revista de Estudos demográficos*, 33. Instituto Nacional Estatístico
- KIDDEY, Rachael (2017) – *Homeless Heritage Collaborative Social Archaeology as Therapeutic Practice*. Oxford: Oxford University Press.
- KRETZLER, Benedikt, KÖNIG, Hans-Helmut e HAJEK, André (2022) – Pet Ownership, Loneliness and Social Isolation: a Systematic Review. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology* 57, pp. 1935-1957.
- LEÃO, Afonso (2021) – Arqueologia de um Espaço Doméstico Lisboa: a Rua do Vale entre o Final do Século XIX e o Início do Século XX [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa].
- MASSEGLIA, Jane (2012) – Emotion and Archaeological Sources. A methodological introduction. In CHANIOTI, Angelos ed. – *Studies and Methods for the Study of Emotions in the Greek World*, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, pp. 131-150.
- National SIDS/Infant Death Resource Center (NSIDRC) (2005) – *The Death of a Child. The Grief of the Parents: A Lifetime Journey*. National SIDS/Infant Death Resource Center.
- NAZZAL, Filasteen; CRUZ, Orlanda; NETO, Félix (2020) – Psychological predictors of loneliness among Palestinian university students in the West Bank. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 688-697.
- OZAWA-DE SILVA, Chikako; PARSONS, Michelle (2020) – Toward an anthropology of loneliness. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 613-622.
- OZAWA-DE SILVA, Chikako (2020) – In the eyes of others: Loneliness and relational meaning in life among Japanese college students. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 623-634.
- OZAWA-DE SILVA, Chikako (2021) – *The anatomy of loneliness*. Berkeley: University of California Press.
- PARSONS, Michelle Anne (2020) – Being unneeded in post-Soviet Russia: Lessons for an anthropology of loneliness. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 635-648.
- PACHECO, Susana; SANTOS, Joel; CASIMIRO, Tânia (2023) – Este volume – Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades.
- PIKE, Ivy; CROCKER, Rebecca (2020) – “My own corner of loneliness”: Social isolation and place among Mexican immigrants in Arizona and Turkana pastoralists of Kenya. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 661-672.
- RASMUSSEN, Susan (2020) – Images of loneliness in Tureg narratives of travel, dispersion, and return. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 649-660.
- ROCHAT, Philippe (2009) – *Others in mind: Social origins of self-consciousness*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- ROKACH, Ami; ORZECK, Tricia; CRIPPS, Janice; LACKOVIC-GRGIN, Katica; PENEZIC, Zvezdan (2001) – The effects of culture on the meaning of loneliness. *Social Indicators Research*, 53(1), pp. 17-31.
- SJÖ, Karoliina (2023). “Here in my Loneliness, I suffer” – Illness, Isolation and Loneliness in the Diaries of Kirsti Teräsvuori (1899-1988). In BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 118-130.
- SAPOLSKI, Robert (2018) – *Behave – The Biology of Humans at our Best and Worst*. Vintage.
- SNELL, Keith (2015) – Agendas for the Historical Study of Loneliness and Lone Living. *The Open Psychology Journal*, 8, (Suppl 2-M2), pp. 61-70.
- TARLOW, Sarah (2000) – Emotion in Archaeology, *Current Anthropology*, 41(5), pp. 713-746.
- TARLOW, Sarah (2012) – The Archaeology of Emotion and Affect. *Annual Review of Anthropology*, 41, pp. 169-185.
- WORSLEY, Amelia (2023) – The Origins of “Loneliness”, The Oxford English Dictionary and Sir Philip Sidney’s te Countess of Pembroke’s Arcadia (1590). In BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 17-34.
- YAP, Keong; TIMPANO, Kiara; ISEMAN, Simone; SVELLA, Jeanette; GRISHAM, Jessica (2023) – High levels of loneliness in people with hoarding disorder. *Journal of Obsessive-Compulsive and Related Disorders*, 37.

WEBGRAFIA

- CNN Portugal (2022) – Há países que já têm um Ministério da Solidão. E Portugal? (<https://cnnportugal.iol.pt/secretaria-de-estado-da-solidao/observatorio-da-solidao/ha-paises-que-ja-tem-um-ministerio-da-solidao-e-portugal/20220213/6208daa00cf2cc58e7e2970c>) – Consultado a 08/07/2023.
- DN (2023) – Solidão: a “doença invisível” que afeta cada vez mais idosos (<https://www.dn.pt/sociedade/solidao-a-doenca-invisivel-que-afeta-cada-vez-mais-idosos-15707671.html>) – Consultado a 08/07/2023.
- JPN (2022) – Num mundo cada vez mais só, Portugal é apenas um pouco solitário. (<https://www.jpn.up.pt/2022/02/15/num-mundo-cada-vez-mais-so-portugal-e- apenas-um-pouco-solitario/>) – Consultado a 08/07/2023.



Figura 1 – As Crianças de Alcântara na Tapada da Ajuda – 1926 (Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo).



Figura 2 – Conjunto de Arrastadeiras (Fotografia de Carlos Boavida).



Figura 3 – Caído com Fome numa das Ruas de Lisboa – 1921 (Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.)



Figura 4 – Casa de Acumulador em Lisboa (Fotografia de Tânia Casimiro).

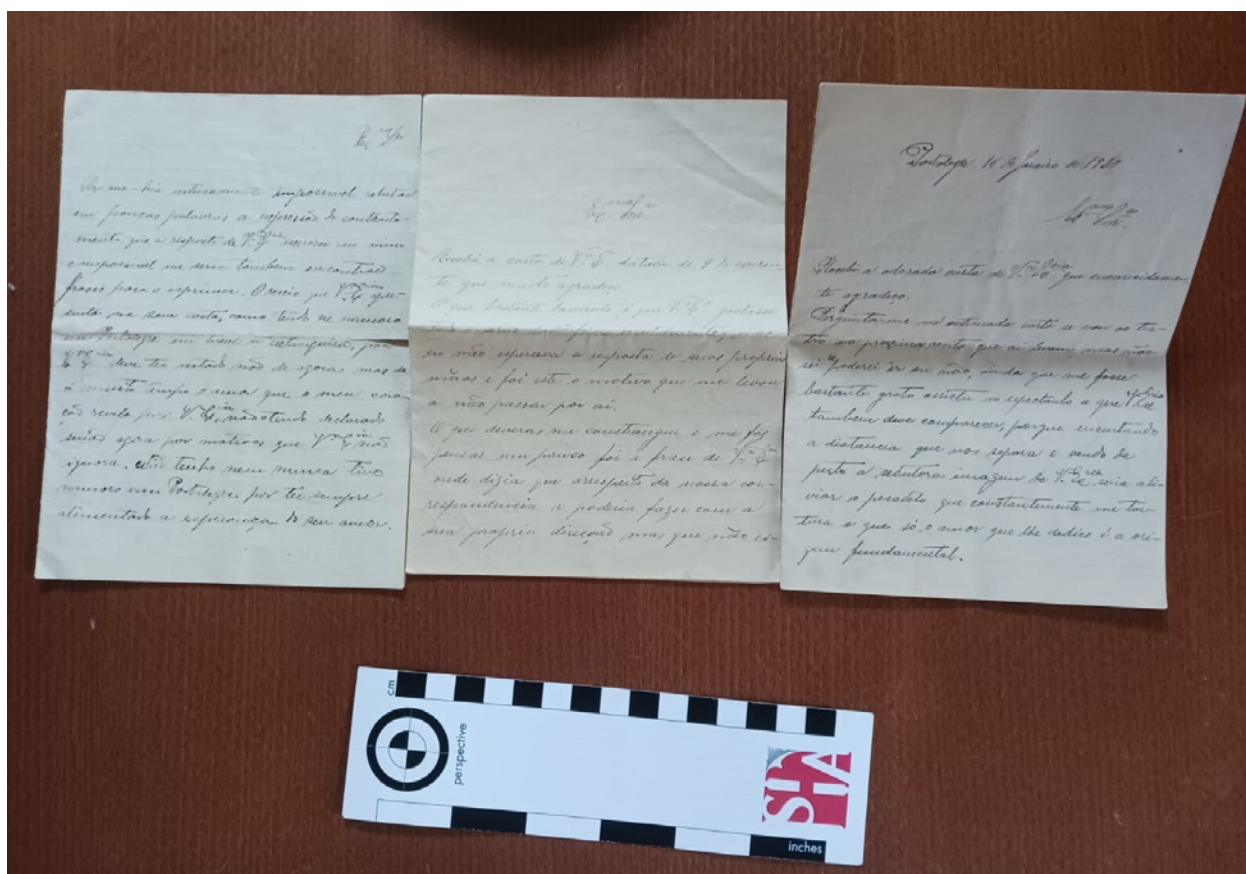


Figura 5 – Cartas de Apaixonados de Casa em Lisboa (Fotografia de Susana Pacheco).



Figura 6 – Ossadas de Canídeo Encontradas no N.º12 da Rua do Vale (Fotografia Gentilmente Cedida por Afonso Leão).



Figura 7 – Jazigo Familiar no Cemitério da Ajuda (Fotografia de Tânia Casimiro).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO: FACULDADE DE LETRAS - UL
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**